

A SEMANA – 169

John Gledson

O assunto da paz no Rio Grande do Sul, assinada apenas na sexta-feira desta semana, era inevitável. Mesmo assim, Machado não pôde resistir a um tom cético, quase negativo. De fato, é um dos pontos fixos na sua visão da humanidade, desde, ao menos, “Na arca” (1878), de *Papéis avulsos*: quase sem precisar de pretextos, os homens são necessariamente agressivos e briguentos. Com efeito, como diz, não é um comentário político, e à parte uma referência curta mas interessante a uma discussão no senado sobre a constituição, em que seu amigo Quintino Bocaiuva mostrou a distância que os separava em relação ao federalismo, desliza para a literatura, primeiro para umas lembranças do teatro dos anos 50 e 60, depois, e sobretudo, para um elogio ao jovem amigo Carlos Magalhães de Azeredo, com quem mantinha correspondência assídua. Magalhães (como Coelho Neto, outro protegido) publicava com certa frequência na *Gazeta*.

Esta crônica consta da antologia de Mário de Alencar, p. 243-247.



A SEMANA

25 de agosto de 1895

[Edição, apresentação e notas por John Gledson]

Pombos-correios, vulgarmente chamados telegramas, vieram anteontem do sul para comunicar que a paz está feita.¹ Tanto bastou para que a cidade se alegrasse, se embandeirasse e iluminasse. Grandes foram as manifestações por essa obra generosa; muita gente correu ao palácio de Itamarati, onde aclamou e cobriu de flores o presidente da República. Natural é que razões políticas determinassem esse ato, políticas e patrióticas;² para mim bastava que fossem humanas. *Homo sum, et nihil humanum, etc.*³ Bem sei que a guerra também é humana, por mais desumana que nos pareça; nem nós estamos aqui só para cortar, entre amigos, o pão da cordialidade. Para isso, não era preciso sair do Éden. Não percamos de vista que dos dois primeiros irmãos um matou o outro, e tinham todo este mundo por seu. Se algum dia a paz governar universalmente este mundo, começará então a guerra dos mundos entre si, e o infinito ficará juncado de planetas mortos. Vingará por último o sol, até que o Senhor apague essa última vela, para melhor se agasalhar e dormir. Sonhará ele conosco?

Felizmente, são sucessos remotos, e muita gente dormirá debaixo da terra, antes que comece a derradeira *Iliada*, sem Homero. Contentemo-nos com a paz que nos sorri agora, e alegremo-nos de ver irmãos alegres e unidos. Eu, como as letras são

¹ A notícia do tratado de paz no Rio Grande do Sul, assinado no dia 23 de agosto entre os generais Galvão de Queirós e Silva Tavares, foi saudada com grande entusiasmo. A *Gazeta* publica os retratos dos dois, e convida a população (“todas as classes sociais, todas as associações que têm sede nesta capital”) a uma grande manifestação no largo de S. Francisco de Paula. No domingo, dia da crônica, diz que as manifestações foram “gerais, inequívocas, espontâneas”, embora também aluda a uma minoria menos entusiasta: “Faça embora o desvario de espíritos irrequietos a suprema injustiça de desconhecer lamentavelmente o serviço prestado pelo brioso militar (...)” É uma alusão à oposição crescente, florianista e jacobina, ao governo de Prudente de Moraes, uma das razões pelas quais a *Gazeta* queria manifestações tumultuosas.

² Mário de Alencar e (seguindo-o?) Aurélio mudam esta frase para a seguinte versão: “Natural é que razões políticas e patrióticas determinassem esse ato.”

³ *Homo sum, humani nil a me alienum puto* (Sou homem, não considero que nada humano me seja alheio). Citação do dramaturgo romano Terêncio (Publius Terentius Afer, c. 195-159 a.C.).

essencialmente artes de paz, é natural que a saúde com particular amor. O tumulto das armas nem sempre é favorável à poesia.

De resto, a semana começou bem para letras e artes. O Sr. senador Ramiro Barcelos achou, entre os seus cuidados políticos, um momento para pedir que entrasse na ordem do dia o projeto dos direitos autorais.⁴ O Sr. presidente do senado, de pronto acordo, incluiu o projeto na ordem do dia. Resta que o senado, correspondendo à iniciativa de um,⁵ e à boa vontade de outro, vote e conclua a lei.

Não lhe peço que discuta. Discussões levam tempo, sem adiantar nada. O artigo 6º da Constituição está sendo discutido com animação e competência, sem que aliás nenhum orador persuada os adversários.⁶ Cada um votará como já pensa. Talvez se pudesse fazer um ensaio de parlamento calado, em que só se falasse por gestos, como queria um personagem de não sei que peça de Sardou, achando-se só com uma senhora. Sardou? Não afirmo que fosse ele, podia ser Barrière ou outro; foi uma peça que vi há muitos anos, no extinto teatro de S. Januário, crismado depois em Ateneu Dramático, também extinto, ou no Ginásio Dramático, tão extinto como os outros.⁷ Tudo extinto; não me ficaram mais que algumas recordações da mocidade, brevemente extinta.

Recordações da mocidade! Não sei se mande compor estas palavras em redondo, se em itálico. Vá de ambas as formas. *Recordações da mocidade*.⁸ Na peça deste nome, já no fim, quando os rapazes dos primeiros atos têm família e posição social, alguém lembra um ritornelo, ou é a própria orquestra que o toca à surdina; os personagens fazem um gesto para dançar, como outrora, mas o sentimento da gravidade presente os

⁴ Ramiro Barcelos (1851-1916) era senador pelo Rio Grande do Sul, e era também poeta e jornalista. Esta lei, chamada lei “Medeiros e Albuquerque” em homenagem ao seu autor, só seria promulgada em 1º de agosto de 1898.

⁵ Assim na *Gazeta* e em Mário de Alencar. Aurélio omite a vírgula.

⁶ Este artigo da constituição de 1891 regulava as condições em que o governo federal podia intervir nos estados, e foi discutido em detalhe no senado esta semana. O nó da questão aparece no fim de um discurso de Quintino Bocaiuva no dia 21 de agosto. Citando da coluna “Congresso Nacional” da *Gazeta* no dia 22: “No projeto que se discute vê o orador que o que os seus defensores querem é mais ou menos, por uma reconstituição institucional, chegar ao mesmo sorites do senador Nabuco [isto é, a centralização das decisões políticas no governo central]: querem a uniformidade no plano de construção política do Estado; querem a preponderância do elemento parlamentarista; querem os governos comissários e parlamentaristas; querem por fim estabelecer esta uniformidade política e administrativa, de modo que os governos dos Estados obedeçam à preocupação e ao sentimento da maioria do parlamento, e, unidos ao presidente da República, possam instituir o regímen de uniformidade quase claustral ou monástico no seio desta nação.” Nos debates, longos e complicados, que se estenderam até o dia 27 de agosto, aduziam-se muitos exemplos de outros estados federativos.

⁷ Não identifiquei esta peça. Os dramaturgos são Victorien Sardou (1831-1908) e Théodore Barrière (1821-1877). Os teatros: o teatro São Januário, terceiro teatro do Rio na juventude de Machado, ficava na praia de dom Manuel, perto do morro do Castelo. Mudou o nome para Ateneu Dramático em 1862, voltou ao nome original em 1863, e foi demolido em 1868. O Ginásio Dramático, tão associado ao teatro realista e à juventude de Machado, foi extinto antes de 1889, mas não se sabe quando.

⁸ Sem dúvida trata-se da peça *Les souvenirs de jeunesse* (1852) de Lambert-Thiboust (1826-1867) e Alfred Delacour (1815-1883), que foi encenada no Ginásio Dramático em 1857 e 1858.

reprime e todos mergulham outra vez nas suas gravatas brancas. É o que te sucede,⁹ quinquagenário que ora lê os livros de todos esses rapazes que trabalham, escrevem e publicam. É o ritornelo das gerações novas; ei-lo que te recorda o ardor agora tépido, os risos da primavera fugidia, os ares da manhã passada. Bela é a tarde, e noites há belíssimas; mas a frescura da manhã não tem parêntese na galeria do tempo.

Eis aqui um, Magalhães de Azeredo, que a diplomacia veio buscar no meio dos livros que fazia. Dante, sendo embaixador, deu exemplo aos governos de¹⁰ que um homem pode escrever protocolos e poemas, e fazer tão bem os poemas, que¹¹ ainda saiam melhores que os protocolos.¹² O nosso Domingos de Magalhães foi diplomata e poeta. Não conheço as suas notas, mas li os seus versos, e regalei-me em criança com o *Antônio José*, representado por João Caetano, para não falar no *Waterloo*, que mamávamos no berço, com a *Canção do exílio* de Gonçalves Dias.¹³

Este outro Magalhães – Magalhães de Azeredo,¹⁴ é dos que nasceram para as letras, governando Deodoro; pertence à geração que mal chegou à maioridade, e toda se desfaz em versos e contos.¹⁵ Compõe-se destes o livro que acaba de publicar com o título de *Alma Primitiva*. Não te enganes; não suponhas que é um estudo – por meio de histórias imaginadas – da alma humana em flor. Nem serás tão esquecido que te não

⁹ Na *Gazeta* e na antologia de Mário de Alencar, falta esta vírgula, que Aurélio supre.

¹⁰ Este “de” não está na *Gazeta*, mas está nos textos de Mário de Alencar e Aurélio. Com certa hesitação, decidimos adotar a versão corrigida.

¹¹ A *Gazeta*, por engano, tem “um” em lugar de “que”. Mário de Alencar e Aurélio corrigem.

¹² Foi quando agiu como diplomata a serviço de Florença, em 1300, que Dante (1265-1321) foi condenado à morte pelos guelfos na sua cidade natal; passou o resto da vida no exílio.

¹³ Domingos José Gonçalves de Magalhães (1811-1882) representou o Brasil em vários países durante uma longa carreira diplomática. *Antônio José ou o poeta e a Inquisição* estreou em 1838, e foi das primeiras peças em que João Caetano desempenhou o papel central, na Companhia Nacional. Quando Machado era rapaz, nos anos 1850, o ator ainda dominava o teatro no Rio de Janeiro; “Napoleão em Waterloo” é poema de *Suspiros poéticos e saudades* (1836).

¹⁴ Assim na *Gazeta* e em Mário de Alencar. Aurélio acrescenta um segundo travessão, numa tentativa, que nos parece desnecessária, de “normalizar” a pontuação.

¹⁵ Carlos Magalhães de Azeredo (1872-1963), poeta jovem e amigo de Machado, que carteara com ele desde 1889, ingressara na diplomacia depois de passar uma temporada de exílio em Minas durante o regime de Floriano. A volumosa correspondência entre ambos está publicada, e reapareceu (com excelentes notas) na edição da *Correspondência* da Academia Brasileira de Letras. Em carta de 2 de setembro, desde Montevideu, onde servia como diplomata, Magalhães agradece efusivamente esta notícia-resenha, queixando-se que não recebera outra reação a seu livro – de fato, já se queixara em carta de 17 de julho que o livro não saía. De qualquer maneira, *Alma primitiva* foi publicada na segunda metade de agosto, e anunciada na *Gazeta* no dia 21. Uma nota a esta carta na edição mencionada (tomo III, p. 111) nos informa: “O livro (Cunha e Irmão, agosto, 1895) compõe-se de 15 contos, todos com dedicatória, e 14 datados. O conto ‘De Além Túmulo’, escrito em São João del-Rei, com data de 10/10/1893, é dedicado a Machado de Assis.” Alguns dos contos foram publicados na *Gazeta*: “Alma primitiva” em 6 e 7 de fevereiro de 1894, “Perfil” em 13 de maio de 1895, “A agonia do negro” (cena de brutalidade, como “A escrava”, mencionado por Machado) em 30 de maio de 1895, “Na vida real” em 24 de junho de 1895, “O morto” em 1º de agosto de 1895, “Um descendente de heróis” em 7 de agosto de 1895. “Uma escrava” apareceu no primeiro número da *Revista Brasileira* de 1895, p. 128-136 e 220-222. *Alma primitiva* foi mencionado (com certa distância, e uma alusão à “delicadeza quase feminina” do estilo) por Ferreira de Araújo no dia 5 de setembro, em sua coluna “Às quintas”, e resenhado, elogiosamente, por Mário de Alencar no dia 11 do mesmo mês.

lembra a novela aqui publicada; história de amor, de ciúme e de vingança, um quadro da roça, o contraste da alma de um professor com a de um tropeiro. Tal é o primeiro conto; o último, *Uma escrava*, é também um quadro da roça, e a meu ver, ainda melhor que o primeiro. É menos um quadro da roça que da escravidão. Aquela D. Belarmina, que manda vergalhar até sangrar uma mucama de estimação, por ciúmes do marido, cujo filho a escrava trazia nas entranhas, deve ser neta daquela outra mulher que, pelo mesmo motivo, castigava as escravas, com tições acesos pessoalmente aplicados... Di-lo não sei que cronista nosso, frade naturalmente; mais recatado que o frade, fiquemos aqui. São horrores, que a bondade de muitas haverá compensado; mas um povo forte pinta e narra tudo.

Não é o conto único da roça e da escravidão, nem só dele se compõe este livro variado. Creio que a melhor página de todas é a do *Ashavero*,¹⁶ quadro terrível de um navio levando o cólera-morbo, pelo oceano fora, rejeitado dos portos, rejeitado da vida. É daqueles em que o estilo é mais condensado e vibrante.

Não cuides, porém, que todas as páginas deste livro são cheias de sangue e de morte. Outras são estudos tranquilos de um sentimento ou de um estado, quadros de costumes ou desenvolvimento de uma ideia. *De além-túmulo* tem o elemento fantástico, tratado com fina significação e sem abuso. O que podes notar em quase todos os seus contos é um ar de família, uma feição mesclada de ingenuidade e melancolia. A melancolia corrige a ingenuidade, dando-lhe a intuição do mal mundano; a ingenuidade tempera a melancolia, tirando-lhe o que possa haver nela triste ou pesado. Não é só fisicamente que o Dr. Magalhães de Azeredo é simpático; moralmente atrai. A educação mental que lhe deram auxiliou uma natureza dócil. Os seus hábitos de trabalho são, como suponho, austeros e pacientes. Duvidará algumas vezes de si? O trabalho dar-lhe-á a mesma fé que tenho no seu futuro.



¹⁶ *Ashavero*, na *Gazeta*, e em Mário de Alencar, que será a ortografia do título do conto (que não descobri). Aurélio tem *Ahasverus*. O *Vocabulário onomástico da língua portuguesa* (1999), da Academia Brasileira de Letras, dá *Aasvero* como a versão principal moderna deste nome.